

HERÓIS DE TODO MUNDO: O PROTAGONISMO NEGRO/A NO PROJETO A COR DA CULTURA

Helena Maria Alves Moreira
Universidade do Estado do Rio Janeiro
helenamaria.moreira@gmail.com

Luciana Maria da Conceição Vieira
Universidade do Estado do Rio Janeiro
vieira394@hotmail.com

Mônica Regina Ferreira Lins
Universidade do Estado do Rio Janeiro
monicarlins@gmail.com

Introdução

A África, tanto tradicional quanto moderna, é um mundo variado e diverso. Em sua complexa realidade social, a África é composta de sociedade em que cada um em sua individualidade cultural e se expressa por nome próprios. (MUNANGA, 2009, p.29).

Mas como trabalhar as culturas africanas além da visão eurocêntrica imposta há anos pelos livros didáticos onde a figura do negro é comumente retratada como subalternizado, objeto de propriedade e submisso? Em contrapartida a esses conceitos, somos testemunhas do olhar do Movimento Negro sobre a educação, entendido como um direito conquistado pela população negra brasileira ao longo dos séculos. (GOMES, 2017, p.25).

Dentro dessa perspectiva, e no intuito de se trabalhar conceitos antes silenciados, como: valores civilizatórios, circularidade e oralidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória e ancestralidade, através de ações educativas; foi criado no ano de 2004, o projeto A Cor da Cultura (ACDC), através do Ministério da Educação, em parceria com a Petrobrás (até 2014), a extinta Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN), a Fundação Cultural Palmares, a Fundação Roberto Marinho, via Canal Futura e a TV Globo, para trabalhar os valores afro-brasileiros.

O ACDC é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, criado após um ano da implementação da Lei 10639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino de

História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação Básica no Brasil. Nesse sentido, o projeto A Cor da Cultura, produziu produtos audiovisuais e promove ações culturais e coletivas com o objetivo de proporcionar práticas positivas de valorização da cultura afrodescendente, suas histórias, seus valores sob a perspectiva do ponto de vista afirmativo.

Para Andrade (2009), em sociedades ditas multiculturais, porém impregnadas de preconceito e de discriminação de várias formas como: o racismo, o sexismo, a xenofobia, a homofobia, dentre outros, a tolerância com o diferente apresenta-se como uma agenda mínima, urgente e extremamente necessária. Para além da tolerância, é preciso superar a visão monocultural que explica a diferença como aceitação, para isso faz-se necessário, trabalhar os conteúdos, por uma perspectiva intercultural, que supere as invisibilidades causadas por uma educação eurocêntrica.

Dentro da perspectiva intercultural, os espaços educativos são fundamentais para que as diferenças sejam transformadas em práticas educativas, que visem o reconhecimento das diversas identidades culturais presentes no cotidiano escolar. O projeto A Cor da cultura, através da sua interculturalidade, surge com seu papel questionador dos poderes instituídos como únicos, estabelecendo, assim, novas possibilidades de organização dos saberes socialmente produzidos.

O projeto A Cor da Cultura, possui um site (www.acordacultura.org.br) onde estão disponíveis os seguintes materiais: um *Kit* pedagógico direcionado especificamente aos professores, composto por cinco cadernos (Modos de Ver, Modos de Interagir, Modos de Sentir, Modos de Fazer e Modos de Brincar) e um Glossário de Palavras de origem africana. Além dos livros, estão disponíveis os programas: Livros Animados, que incentiva a leitura junto ao público infantil, temáticas afro-brasileiras e africanas; o programa Mais Ação, episódios dedicados a retratar iniciativas sociais afirmativas desenvolvidas por organizações não-governamentais; o programa Nota 10, voltado para metodologia de ensino e formação de educadores; o programa Mojubá, documentários sobre a religiosidade de matriz africana, a história dos quilombos e de outros valores da negritude presentes na cultura brasileira e programa Heróis de Todo o Mundo, que retrata a vida e a obra de homens e mulheres negros que se destacaram nas diferentes áreas do conhecimento no Brasil.

Destacamos, para esse artigo, o programa Heróis de Todo Mundo, uma série de interprogramas que leva ao conhecimento público que, no Brasil, existem “heróis”, personalidades de pessoas negras que contribuíram para construção do nosso país.

Os cadernos voltados pra o professor possui vários textos elaborados por educadores e ativistas do Movimento Negro, muitos desses autores e autoras participaram ativamente da construção e implementação do projeto. O material do projeto foi e é até os dias atuais distribuído para as Escolas Públicas em todo território nacional mas, cabe destacar que nos primeiros anos o projeto possuía uma grande equipe que se dirigia à vários municípios realizando um curso de formação para os professores e professoras, onde os participantes eram convidados a debater sobre temas como: racismo, inclusão e o papel do negro na sociedade. Os cursos de formação ficavam sob a responsabilidade de educadores, professores de Universidades e por pesquisadores do campo da educação para a educação das relações étnico-raciais. Devido a fortes restrições orçamentárias, os cursos de formação foram diminuindo drasticamente.

O material distribuído pela A Cor da Cultura às escolas públicas de todo Brasil, por vezes, não é utilizado por desconhecimento das diversas possibilidades de utilizá-lo nas práticas educativas, por isso, a importância da continuidade do curso de formação continuada, oferecido pela Fundação Roberto Marinho, através da sua Gerência de Mobilização Comunitária. É de suma importância, fomentar debates e discussões que levem à análise e reflexão dos elementos da cultura afro-brasileira, não só para o conhecimento, mas, principalmente para a construção da autonomia dos educadores sobre a temática.

Metodologia

A partir de artigos, livros, dissertações e teses com referências teóricas que se aproximassem, dos conceitos de diversidade e diferença e educação para as relações étnico-raciais sob uma proposta decolonial, de valorização da cultura e história afro-brasileira percebemos a importância de uma educação que promova a autoestima da criança negra. Tendo em vista essa proposta, a análise do programa Heróis de Todo o Mundo foi elaborada sob a metodologia de uma pesquisa qualitativa onde são apresentados os resultados através de percepções e análises do referido material.

Oliveira (2017) explica que o material do projeto A Cor da Cultura se aproxima das teorias circunscritas no campo da decolonialidade, pois seus textos desafiam a razão única da

modernidade ocidental e apresentam pensamentos “Outros” e incitam outras formas de ser, de agir, de sentir, de fazer e de conhecer o mundo.

Para Freire (1996), a educação é uma forma de intervenção no mundo. É preciso revelar aos alunos, sua capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Sob essa ótica, o projeto A Cor da Cultura trabalha os conceitos de interculturalidade associado ao combate às diferenças e desigualdades por uma perspectiva humanizadora e antirracista.

Nesse contexto, a metodologia de análises estatísticas sob o perfil dos estudantes afrodescendentes no Brasil, foram utilizadas para fundamentar a importância da implementação de políticas de ações afirmativas que almejem ser capazes de debater como a questão da violência urbana interfere no cotidiano escolar.

Resultados e Discussão

Na visão de Trindade (2006) e Gomes (2017), a educação como campo fundamental de formação humana, constitui-se num espaço, por onde transitam, diversos grupos étnico-raciais, diferentes gerações, pessoas de origens socioeconômicas, credos e religiões distintas, ou seja, o cotidiano escolar é o lugar ideal para a reflexão de uma educação diferenciada e antirracista.

Para Cavalheiro (2001), nas escolas, o racismo se expressa de múltiplas formas: negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, de nossa posição no mundo...da nossa humanidade. No caso do racismo nos livros didáticos, a figura do negro aparece somente como pessoa escravizada, invisibilizando as personalidades negras que constituem parte da nossa história, sujeitos que participaram ativamente da construção da sociedade brasileira, seja na Engenharia, nas Artes, na Literatura, na Música, são inúmeras as contribuições dessas personalidades denominadas pelo projeto A Cor da Cultura como “Heróis”.

No que tange ao livro didático, denunciaram-se a sedimentação de papéis sociais subalternos e a reificação de estereótipos racistas protagonizados pelas personagens negras. Apontou-se a medida em que essas práticas afetavam crianças e adolescentes negros/as e brancos/as em sua formação, destruindo a autoestima do primeiro grupo e cristalizando, no segundo, imagens negativas e inferiorizadas da pessoa negra, empobrecendo em ambos o relacionamento humano e limitando as possibilidades exploratórias da diversidade étnico-racial e cultural. (SILVA, 2001, pp-65-66)

A educação voltada para o estudo das relações étnico-raciais, teve no projeto A Cor da Cultura, um marco na construção de um processo de reconhecimentos que traz o negro como verdadeiro protagonista da nossa história. O programa Heróis de Todo Mundo é composto por 30 biografias apresentadas de forma lúdica por atores, escritores, esportistas, jornalistas e outros profissionais negros e negras que se apresentam como dados da biografia e das obras dessas personalidades. Esses heróis, como são nomeados, não aparecem nos nossos livros de história e/ou não tiveram o devido reconhecimento pelos seus atos, feitos e trabalhos de toda uma vida.

As personalidades que foram exaltadas e classificadas como heróis no projeto até o momento foram: Adhemar Ferreira da Silva (atleta), Aleijadinho (artista plástico), André Rebouças (engenheiro), Antonieta de Barros (professora), Auta de Souza (escritora), Benjamin de Oliveira (ator/palhaço), Carolina M. Jesus (escritora), Chiquinha Gonzaga (compositora), Cruz e Souza (escritor), Elizeth Cardoso (cantora), Jackson do Pandeiro (músico), João Cândido (marinheiro/líder da Revolta da Chibata), José Correia Leite (jornalista), José do Patrocínio (abolicionista), Francisco José do Nascimento (jangadeiro/líder abolicionista), Juliano Moreira (médico), Lélia Gonzalez (professora/militante política), Leônidas da Silva (jogador de futebol), Lima Barreto (escritor), Luiz Gama (advogado), Machado de Assis (escritor), Mãe Aninha (ialorixá) Mãe Menininha (ialorixá), Mário de Andrade (escritor), Milton Santos (geógrafo), Paulo da Portela (sambista/um dos criadores das escolas de samba), Pixinguinha (músico) Teodoro Sampaio (urbanista), Tia Ciata (personagem histórica do samba) e Zumbi (líder revolucionário).

Desde a sua criação até os dias atuais, o projeto tem sofrido com os cortes de verbas, fins de parcerias e descaso das políticas públicas brasileiras, como vimos através das pesquisas do IPEA, que há cinco atrás já apontava alguns erros na distribuição e divulgação do material A Cor da Cultura:

Em várias escolas foi possível ver nas bibliotecas a existência de livros, vídeos, CDs e materiais paradidáticos enviados pelo MEC (por exemplo, o kit A Cor da Cultura) ou pelas secretarias de Educação por meio de políticas específicas. Todavia, nem sempre o material se encontrava visível e disponível para docentes e estudantes. Outras vezes, mesmo quando se apresentava acessível, era tema de interesse somente do(a) profissional ou do coletivo docente que levava à frente as práticas pedagógicas na perspectiva da lei nas escolas. Ou, ainda, ficava à mercê do entendimento equivocado de que tal material não deveria ser socializado para empréstimo e consulta fora da escola por docentes e estudantes devido à suposição de que ele seria estragado. (IPEA, 2013, p.93)

À luz das pesquisas que apresentam o negro/a numa condição de sucesso pessoal e profissional, cabe destacar alguns fatores que não podemos deixar de lado de que influenciam diretamente no cotidiano escolar, como por exemplo, dados que mostram que o perfil dos adolescentes que cumpriam medida socioeducativa privativa de liberdade. Um ano antes da criação do Projeto A Cor da Cultura, as estatísticas apontavam que:

(...) 90% são do sexo masculino, 76% têm idade entre 16 e 18 anos; mais de 60% são negros; 51% não frequentavam a escola, 49% não trabalhavam quando cometeram o delito; 66% viviam em famílias consideradas extremamente pobres; 85,6% eram usuários de drogas quando adentraram a instituição. (SILVA & GUERESI, 2003)

Dez anos se passaram e podemos constatar que a situação de jovens afrodescendentes no Brasil em situação de vulnerabilidade, de carências socioeconômicas e/ou educacional não só não diminuiu, como aumentou. Em 2013, os adolescentes que precisavam conciliar estudo com trabalho e são negros, pobres e do sexo masculino correspondia a uma porcentagem de mais de 50% da população.

Entre os jovens que não estudam, não trabalham e não procuraram emprego na semana de referência da pesquisa – observam-se as características típicas de exclusão social do país: a maior parte é da raça negra (64,87%); 58% são mulheres e a imensa maioria (83,5%) é pobre e vive em famílias com renda per capita inferior a um salário mínimo. Os jovens adolescentes que já estão fora da escola e só trabalham apresentam perfil semelhante a dos adolescentes acima destacados, com a diferença de que, nesse grupo, os homens são a maior parte e representam 70,65%, enquanto que as mulheres são menos de um terço (29,35%). Os adolescentes que só trabalham também são, na maior parte, negros (61,46%) e pobres (63,68%). O perfil de exclusão também se repete entre os adolescentes que necessitam conciliar trabalho e estudo, esses são na maioria do sexo masculino (60,75%), negros (59,8%) e pobres (63,03%). (Fonte: IPEA, 2013)

O cotidiano escolar das Escolas Públicas localizadas no Município do Rio de Janeiro tem sido frequentemente assunto nos telejornais do país, principalmente pelos casos de estudantes mortos por balas de fogo. Num levantamento feito pela ONG Rio da Paz, ao todo 35 crianças morreram vítimas de bala perdida nessa última década. Tais fatos só aumenta a sensação de insegurança e impunidade das comunidades e da população em geral, frente às políticas públicas.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2017), a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de

outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência.

Tendo em vista a triste realidade que vivemos, faz-se necessárias ações positivas como a que o projeto A Cor da Cultura se propõe no sentido de sensibilizar os educadores a procurarem propostas que auxiliem o fazer pedagógico e as práticas educativas nas salas de aulas.

Conclusões

Apesar das políticas públicas brasileiras fundamentar princípios básicos de combate à discriminação racial e redução das desigualdades sociais, o racismo, seja ele explícito ou estrutural, vitimiza cotidianamente os afrodescendentes, criando barreiras físicas e emocionais pela negação da sua ancestralidade, memória, história e cultura, percebemos que pouco ou nada é feito para reverter essa situação.

O debate das questões raciais no Brasil apresentada em formas de projetos e programas que contribuam para a equidade racial, apontam para novas perspectivas no combate às diferenças e a igualdade para a educação para relações-étnico-raciais.

A relevância deste estudo está em sensibilizar os professores sobre como podem fazer de suas práticas pedagógicas um espaço para debate sobre as questões raciais e procurem sempre ampliar seus conhecimentos.

Todo o esforço para mostrar o negro/a como protagonista de sua história faz com que o Programa Heróis de Todo Mundo seja um diferencial como instrumento contra o silenciamento e conta práticas discriminatórias e racistas evidenciando que a produção de recursos didáticos-pedagógicos são alternativas possíveis para promoção da igualdade e da diversidade étnico-racial e cultural no cotidiano escolar.

Apesar de parte do material do projeto A Cor da Cultura contar com a mídia televisiva do Canal Futura, a existência do site (não atualizado desde 2014), sua divulgação e distribuição foram bastante prejudicados pela extinção de algumas de suas parcerias e por falta de apoio das políticas públicas em colaborar com a manutenção do projeto.

O projeto A Cor da Cultura trouxe ao debate, questões sobre a educação para as relações étnico-raciais, até antes silenciadas, por isso, a importância do cumprimento do Artigo 26ª da LDBEN,

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Refletir sobre nossos posicionamentos, propor alternativas para combater as discriminações raciais, valorizar as culturas, discutir a temática das questões raciais na sala de aula, estabelecer atitudes por mais simples que sejam, são fundamentais para a construção por uma educação antirracista e humanizadora como instrumento de apoio ao processo ensino-aprendizagem.

Referências

ANDRADE. M. (Org.) *Diferenças Silenciadas: pesquisas em educação, preconceitos e discriminações*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 16/09/2017.

CAVALHEIRO, E. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor; In: CAVALHEIRO E. (org) . *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

FREIRE. P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

GOMES. N. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

IPEA. *Igualdade Racial no Brasil - Reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Brasília: Ipea, 2013.

IPEA. *Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil*. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253
Acesso em: 15/03/2018.

MUNANGA. K. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009

OLIVEIRA, L. R. Dissertação de Mestrado. *Não sou negro de alma branca: diálogos e práticas pedagógicas para uma educação intercultural crítica e decolonial por meio do projeto A Cor da Cultura*. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11447>. Acesso em: 10/10/2017.

SILVA, M. A. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

SILVA, E. R. A. & GUERESI, S. *Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil*. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2003.

TRINDADE. A. L. *Fragmentos de um discurso sobre afetividade*. In: Saberes e fazeres, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.